

24.12.64

TRIVIAL VARIADO RUBEM BRAGA

Feliz Natal

Desocupado lector — como dizia o bom Cervantes — Feliz Natal! É o que sinceramente desejo a todos. A todos menos a alguns — para não parecer exagerado. A Hanna, por exemplo, dispensa meus bons votos — já ganhou seu bonito presente de Papai Noel. Os chineses presos também não precisam de mais nada: segundo o repórter estão muito contentes, pois foram condenados a 10 anos e não a 23, como esperavam. Alegria de chinês é assim? Que de um modo ou outro haja alegria hoje, em todos os lares e cárceres, pois o menino Jesus nasceu.

Todo mundo dá provas de espírito cristão, até o Coronel Fontenele, que mandou devolver tôdas as carteiras de motorista que tinha apreendido

sem razão. Vê-se que o homem não é rancoroso: perdoa suas vítimas. Que a Marinha de Guerra e o Coronel Borges perdoem o estudante angolano, cujo detestável crime foi o de ter sido prêso e torturado sem razão. Feliz Natal! Que as concessões de refinarias particulares não somente sejam mantidas como ampliadas, para que o dinheiro corra fácil, pelo menos no bolso de alguns. Vamos capuavar a economia nacional — em tudo que não prejudique a Esso que, como é sabido, dá ao nosso carro o máximo. Feliz Natal! Feliz Natal, onde estiver, ao Sr. Link, que ganhou uma fortuna para nos garantir que não havia petróleo economicamente explorável em Sergipe — e não haveria mesmo, se ele ainda estivesse aqui!

Nossos jornais

Outro dia eu estava pensando em certas coisas que nós não *sentimos* em nossos jornais, mas que os estrangeiros devem achar muito engraçadas. Uma delas é o cabotismo dos jornais. Cabotismo dos diretores é bem mais raro, desde que o Barão de Itararé mergulhou em um ridículo sem remédio o *nosso querido diretor*. Mas o jornal brasileiro noticia seu próprio aniversário com um carinho comovedor. Depois passa semanas a transcrever as notas que os outros jornais deram, as referências feitas por algum parlamentar, as cartas e telegramas recebidos. Todos os jornais fazem isso, com maior ou menor esparrame, e nisso não há nenhum mal, nem eu estou propondo que se deixe de fazer. Mas que é uma praxe que tem seu

lado engraçado, é: o jornal gasta colunas e colunas, em que poderia haver notícias ou comentários capazes de interessar o leitor, em contar como falaram dêle, como foi festejado etc. . .

Outro costume também estranho, e que será difícil acabar é o dos anúncios fúnebres. Morre um sujeito importante ou simplesmente rico, e seus parentes, colegas, sócios e amigos fazem questão de convites fúnebres bem grandes, em quadros de duas ou três colunas; em alguns casos uma página inteira é gasta por vários anúncios que convidam para a mesma missa de sétimo dia. A notícia da morte não é sussurrada, é gritada em grandes tipos negros, com estardalhaço. São costumes nossos, e não pretendo mudá-los. Não fazem mal a ninguém. Mas dão aos nossos jornais mais modernos, bem feitos e inteligentes um certo sabor antigo e provinciano.